

As ciências sociais brasileiras frente à ascensão da extrema-direita: uma reflexão urgente e necessária

REBECCA LEMOS IGREJA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / CO-COORDENADORA DO COLÉGIO LATINO-AMERICANO
DE ESTUDOS MUNDIAIS, PROGRAMA FLACSO

BRASIL

Correio eletrônico: rebeccaigreja@unb.br

CAMILO NEGRI

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / CO-COORDENADOR DO COLÉGIO LATINO-AMERICANO
DE ESTUDOS MUNDIAIS, PROGRAMA FLACSO

BRASIL

Correio eletrônico: camilonegri@gmail.com

Data de envio: 15-04-2020 / **Data de recebimento:** 17-04-2020

Data de aceptación: 17/09/2020.

RESUMO

A análise desse artigo, escrito por uma antropóloga e um sociólogo político, tem o intuito de propor reflexões e questionamentos a respeito da ascensão da extrema-direita no mundo, como fundamento de pesquisa. Fazemos uma revisão teórica de abordagens das ciências sociais sobre o tema. Logo, discutimos os desafios colocados pelo alcance das tendências globais nas conjunturas locais e a inserção de discursos da questão étnica e cultural no contexto do crescimento da extrema-direita. Em seguida, analisando o contexto brasileiro, buscamos identificar nos discursos e redes sociais da nova extrema-direita no Brasil, personificada no presidente Jair Messias Bolsonaro, categorias, conceitos e léxicos que ela assume. Nessa disputa por novas interpretações sobre a sociedade, as ciências sociais tornam-se alvo, atacadas e deslegitimadas.

PALAVRAS-CHAVE: extrema-direita; ciências sociais; Bolsonaro; redes sociais.

RESUMEN

El análisis en este artículo, escrito por una antropóloga y un sociólogo político, tiene como objetivo proponer reflexiones y preguntas sobre el surgimiento de la extrema derecha en el mundo, como base para una

investigación. Hacemos una revisión teórica de los enfoques de las ciencias sociales sobre el tema. Luego, discutimos los desafíos que plantea el alcance de las tendencias mundiales en las circunstancias locales y la inserción de discursos sobre cuestiones étnicas y culturales en el contexto del crecimiento de la extrema derecha. Luego, analizando el contexto brasileño, buscamos identificar en los discursos y redes sociales de la nueva extrema derecha en Brasil, personificada en el presidente Jair Messias Bolsonaro, las categorías, conceptos y léxicos que asume. En esta disputa por nuevas interpretaciones sobre la sociedad, las ciencias sociales se convierten en blancos, atacados y deslegitimados.

PALABRAS-CLAVE: extrema derecha; ciencias sociales; Bolsonaro; redes sociales.



INTRODUÇÃO¹

Recentemente escrevemos uma crônica sobre a ascensão da Extrema-direita no Brasil com a chegada do presidente Jair Bolsonaro na presidência da República (NEGRI et al. 2019). Embora a «direita radical» não fosse o nosso tema usual de pesquisa, o fenômeno político que se descortina diante de nós nos conclama, cientistas sociais, antropólogos, sociólogos e politólogos, a analisá-lo em toda sua complexidade. O estudo sobre esse tema tem sido realizado, comumente, por cientistas políticos que se dedicam à análise das estruturas, instituições e culturas políticas. No entanto, percebemos que nós, que nos dedicamos ao estudo sobre as diferenças culturais, identidades étnicas, raciais e de gênero, discriminação e racismo, desigualdades e processos de exclusão social, entre outros fenômenos sociais, temos muito a contribuir a partir de nossas perspectivas para sua análise.

É importante destacar que nos últimos anos a ascensão da direita radical, ou especificamente da extrema-direita, em governos nacionais particularmente de democracias liberais está normalmente associada a um novo fenômeno histórico que responde ao contexto

1 Neste artigo, estamos usando o sistema de referência ABNT.

contemporâneo de globalização, dominação do neoliberalismo, individualismo exacerbado, crescimento das desigualdades socioeconômicas no seio das democracias e grandes fluxos migratórios. Diversas análises identificam nessa erupção política da extrema direita a utilização de um discurso de ódio que rejeita (e fabrica) «o outro», formado por imigrantes, pobres, negros, gays ou outras minorias políticas. O sucesso eleitoral desses discursos e projetos ideológicos legitima, através de canais democráticos, as propostas políticas que naturalizam as desigualdades e exclusões.

De fato, vemos globalmente que a expansão da extrema-direita está organizada em torno da rejeição de minorias e, em alguns casos, de sua criminalização. Assim, enquanto se espera que as sociedades democráticas incentivem valores como a defesa dos direitos humanos, a igualdade política e o respeito à diversidade, a ascensão da extrema direita mina muitas conquistas nessa área; dessa forma, pode representar um importante ponto de viragem política e filosófica. A análise dos discursos nos permite verificar as formas pelas quais os valores de ódio e exclusão são produzidos e disseminados; as temporalidades e os mecanismos de pensamento e comunicação mobilizados por concepções extremistas.

Nessa análise, observamos que não somente o ódio pelas minorias é alimentado, mas também a aversão e o descrédito à intelectualidade, às ciências, a qualquer racionalidade que questione a subjetividade, os valores e o sentido comum em que essas concepções se assentam. A ascensão da extrema-direita se fundamenta na defesa dos valores tradicionais, religiosos e identitários das culturas por ela consideradas superiores. São valores que tomam importância como referentes em um mundo global, cada vez mais descentralizado, com fronteiras mais fluídas e com grande circulação de ideias e de pessoas. Esses valores acabam sendo apropriados local e nacionalmente mesmo em contextos mais democráticos, valendo-se, inclusive, dos direitos democráticos de liberdade para defenderem a sua existência.

O fenômeno é complexo e de grande amplitude, exigindo que ultrapassemos a análise do discurso, embora possamos iniciar por ela. É necessário compreender o contexto econômico, social,

cultural, histórico e político que explique o ressurgimento com força da extrema direita e o espaço e a adesão que ela obteve, inclusive, entre aqueles a quem dirige suas críticas. O esforço se encaminha para a compreensão dos fatores socioculturais e políticos que permitem a ascensão de valores como autoritarismo, populismo, conservadorismo, xenofobia, racismo, entre outros novos e antigos, nas democracias modernas.

As ciências, especialmente as ciências sociais, são desafiadas, portanto, pela extrema-direita por sua complexidade, amplitude e dificuldade de apreensão. Sua ascensão exige um esforço interdisciplinar amplo de compreensão e a busca por novas ferramentas metodológicas, novos marcos conceituais e novas categorias que nos auxiliem a estudá-la. Mais ainda, exige um esforço das ciências que devem, sob ataques cotidianos, defender a si mesmas para continuarem existindo; devem, sobretudo, provar sua necessidade, o valor do conhecimento que produzem e a importância que têm para a sociedade. Para isso, torna-se fundamental o debate sobre o papel das ciências, a atividade dos cientistas e a importância do conhecimento científico como norteador para um projeto coletivo de sociedade.

A análise que propomos nesse artigo, escrito por uma antropóloga e um sociólogo político, busca identificar nos discursos, mensagens e redes sociais da nova extrema-direita no Brasil, que toma o poder com a ascensão de Jair Bolsonaro, essas categorias, conceitos e léxicos que são assumidos por ela e que pregam uma revolução cultural, a defesa de valores tradicionais, religiosos, culturais, políticos para recuperar a nação brasileira. Imbuídas, igualmente, por velhos conceitos, pensamentos e teorias racistas e elitistas, renovam-se assumindo novas categorias e propondo novos projetos culturais. Nessa disputa pela imposição de novas interpretações sobre a sociedade, as ciências sociais tornam-se alvo, atacadas e deslegitimadas como sendo puramente ideológicas.

Propomos, portanto, refletir sobre a ascensão da extrema-direita e sua análise no campo das ciências sociais. Nossa ideia é promover reflexões, questionamentos e não conclusões, a fim de fundamentar uma pesquisa inicial sobre o tema. Em um primeiro

momento, fazemos uma revisão teórica das diferentes abordagens no âmbito das ciências sociais sobre a ascensão da extrema-direita no mundo. Logo, discutimos o alcance das tendências globais nas conjunturais locais e os desafios por essas colocados para as ciências sociais e a inserção de discursos em torno da questão étnica e cultural no contexto do crescimento da extrema-direita. Em seguida, estendemos nossa análise ao contexto brasileiro da chegada de um governo conservador e de extrema-direita no poder, personificado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro. Essa análise, feita a partir do exame das manifestações do presidente nas redes sociais e dos projetos políticos que seu governo defende, tem a finalidade de refletir sobre as concepções e representações sociais que exploram e como se posicionam em relação ao campo do conhecimento científico.

AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA ASCENSÃO DA EXTREMA-DIREITA NO MUNDO

Ainda que, em certo sentido, as ideologias à direita sejam hegemônicas em vários países do mundo e seus representantes ocupem os principais postos políticos durante mais tempo, ocasionalmente, elas são substituídas por forças políticas ligeiramente mais à esquerda ou por forças políticas ainda mais à direita. Tais posicionamentos ideológicos são de difícil categorização para as Ciências Sociais, uma vez que critérios delimitadores sempre podem sofrer a crítica de que carregam orientação ideológica, além de que, os significados associados a estes posicionamentos variam conforme a época e o local analisados.

Entre as últimas duas décadas do século XX e as primeiras do século XXI, os significados de esquerda e direita se modificaram nitidamente, especialmente influenciados pelo fim da experiência socialista soviética, que até então demarcava o espectro ideológico. O surgimento do que Bobbio (1995) denominou terceiro transversal, como o Partido Verde Alemão, e terceiro inclusivo, a Terceira Via Inglesa, são expressões dessas reconfigurações ideológicas que ocorreram no período. Assim como a terceira via, as «novas esquerdas»

se assumem como superação das dicotomias entre os extremos capitalismo e comunismo (GIDDENS, 1996), reconstituindo seu discurso para abarcar as minorias identitárias e os excluídos do mercado (LACLAU e MOUFFE, 2000). A direita pós Guerra Fria, por sua vez, se organizou sob o signo do neoliberalismo.

Neste período, segundo Sartori (1994), a democracia se tornou um valor universal, passando a servir como um adjetivo que confere legitimidade as ações, argumentos e propostas em todas as esferas da vida. Em termos ideais, o sistema político democrático promoveria o fim dos radicalismos ideológicos, uma vez que incentivaria o consenso pragmático entre as diferentes partes como resposta politicamente viável em sociedades de massa. Sobremaneira em um contexto peculiar à América Latina, em que o termo «direita» passa a ser considerado pejorativo (ARAUJO, 2002) dada à sua vinculação com os regimes autoritários, a conversão democrática (FORCHERI, 2004) parecia empurrar os extremos do espectro ideológico para o centro. Esse movimento restringiria o espectro ideológico à direita –já que eliminaria o autoritarismo dos conteúdos viáveis na democracia, e à esquerda– enfraquecendo a defesa de versões mais ortodoxas do marxismo que se opunham ao livre mercado. Em ambos os casos, o sistema político democrático e o sistema econômico capitalista se tornaram um denominador comum entre esquerda e direita: ainda que ambas se posicionem em diferentemente sobre as configurações ideais desses sistemas, a democracia capitalista (WOOD, 2007) se torna hegemônica (GRAMSCI, 2000).

Neste sentido, Giddens propôs a seguinte pergunta: «o que pode significar ser politicamente radical hoje em dia, uma vez que o espectro que perturbou o sono da Europa burguesa, e que durante mais de setenta anos tomou corpo, retornou a estágios anteriores?» (GIDDENS, p. 9, 1996). Para o autor, os socialistas que até então representavam o radicalismo político, condensando a insatisfação com o sistema econômico e propondo mudanças socioeconômicas radicais «passaram a concentrar suas energias na proteção do *welfare state* diante das pressões que este passou a sofrer» (GIDDENS, p. 10, 1996), tornando-se conservadores diante de uma nova direita

que se radicalizava com a proposta de acabar com as amarras sociais do Estado e impulsionar a atuação do mercado nas esferas da vida social em que ainda não estava inserido.

Se a esquerda baseou suas pautas na proteção do Estado de Bem-Estar, ou na sua implementação no caso latino-americano, e assumiu novas, como a identitária ou a ecológica ao invés de priorizar a ruptura com estruturas capitalistas de dominação, a direita foi capaz de mudar e alicerçar sua prática no neoliberalismo, promovendo a dissolução desse Estado, ao mesmo tempo em que, em alguns casos, mantinha sua roupagem conservadora. Assim, ainda que também apresente certa diversidade ideológica, a direita costuma demonstrar um discurso técnico, meritocrático e empreendedor, a pauta conservadora nos costumes e assumir as prescrições da escola neoliberal: «reduzir drasticamente tarifas de importação e barreiras não-tarifárias à importação; permitir a entrada de firmas estrangeiras em mercados dos quais elas eram excluídas; e reduzir a presença do Estado através de programas de privatização em grande escala» (AMANN; BAER, 2006).

A extrema-direita, compreendida por sua expressão neoliberal, tem sua primeira experiência de governo no Chile durante a ditadura de Pinochet, a partir do final da década de 70, início dos anos 80 do século passado. Sob a influência de Reagan e Thatcher, se espalha pelo mundo e, no final dos 1990, uma nova onda neoliberal é rechaçada na América Latina. Os seus resultados antipopulares contribuem com a ascensão de uma nova esquerda que passou a governar em grande parte dos países da região.

Atualmente, contudo, o discurso econômico que visa a radicalização da agenda neoliberal em desfavor das seguranças sociais que o Estado mantém e a pauta sociocultural que valoriza o conservadorismo nos costumes e a tradição em detrimento do multiculturalismo parecem retomar suas forças em diversos países do mundo.

Segundo Powell (1986), os partidos extremistas representam demandas por transformações significativas da sociedade, seja em direção a uma visão de futuro imaginário ou de volta a um passado idealizado. De acordo com essa definição, Rydgren (2007) sugere

que a nova direita radical, na maioria dos casos, pode ser considerada como exemplo dos partidos extremistas. Relembra, no entanto, que também pode ser útil considerar Lipset e Raab (citado pelo autor) que definem de maneira mais específica o extremismo político como antipluralismo ou monismo. Para eles, o centro operacional do extremismo «é a repressão da diferença e dissidência, o fechamento do mercado de ideias. Mais precisamente, o centro operacional do extremismo, ou monismo, é a tendência de tratar a clivagem e a ambivalência como ilegítimo» (RYDGREN, p. 243, 2007).

Rydgren (2007) ao analisar o caso da Europa ocidental procura demonstrar como a sociologia tem estudado as extremas-direitas. Como o autor explica, a sociologia, historicamente, tem se preocupado, preferencialmente, por encontrar as explicações do surgimento dos partidos de extrema direita e seu desempenho eleitoral variável em diferentes países. As possíveis explicações são agrupadas em duas partes: a primeira consiste nas chamadas explicações centradas na demanda, isto é, explicações que se concentram na mudança de preferências, crenças e atitudes entre os eleitores. A segunda consiste nas explicações focadas no lado da oferta, isto é, análises centralizadas nas oportunidades políticas estruturais e nos fatores organizacionais dos partidos. Segundo o autor, o ressurgimento das extremas direitas hoje anima os interesses de cientistas sociais, assim como aconteceu nas décadas de 1950 e 1960 em estudos sobre a ascensão do fascismo no período entreguerras na Europa (como os de Hannah Arendt e Seymour Martin Lipset) e no início dos radicalismos de direita do pós-guerra nos Estados Unidos (nesse caso, cita Edward Shils e Daniel Bell).

Se considerarmos o caráter populista associado ao extremismo de direita, é possível ainda distinguir outros conjuntos de explicações voltadas para os fatores institucionais já que, como destacam Inglehart e Norris (2016), o arranjo de regras eleitorais também pode favorecer o surgimento de forças de extrema direita. Conforme Mudde (2007) o populista possui três bases gerais, o anti-establishment, o autoritarismo e o nativismo. Segundo Inglehart e Norris (2016), o populismo enfatiza a fé na sabedoria popular, em sua vontade geral estabelecida, contudo, no ressentimento individual

diante da crise e do fracasso das instituições estabelecidas. Mantem-se estabelecendo dicotomias que permitem a constituição de grupos de indivíduos homogeneizados pela figura do populista. O populista, por fim, estabelece posturas autoritárias ao se pretender o portador da vontade popular, muitas vezes impondo a sua vontade em detrimento das instituições democráticas.

Após repassar os conceitos e perspectivas de muitos autores contemporâneos, Rydgren conclui dizendo que o cenário político da Europa Ocidental sofreu mudanças bastante radicais ao longo das últimas duas décadas e que o surgimento de uma nova direita radical se destaca juntamente com o surgimento de novos movimentos sociais e políticos relacionados a novos partidos (ou seja, partidos verdes e novos partidos de esquerda). Com base nessa observação, o autor critica que muitas das análises atuais sobre a extrema-direita continuam sendo feitas por estudiosos que se especializam no tema. Conclui que a literatura da nova direita radical se beneficiaria de melhor integração de mecanismos teóricos e resultados da pesquisa sobre movimento social, bem como de áreas sociológicas relacionadas com estudos organizacionais, análise de redes e sociologia das relações étnicas. Vale a pena ressaltar essa nova conjuntura global de domínio do neoliberalismo que é, igualmente, determinante para explicar o fenômeno do ressurgimento das extremas-direitas em vários países democráticos e que é ainda pouco explorada no texto.

Uma outra aproximação teórica ao tema do ressurgimento da extrema-direita se fundamenta no estudo sobre o radicalismo. São estudos que surgem, de maneira especial, logo após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Esses ataques, e os que seguiram na Europa, foram o foco de vários cientistas sociais que buscaram entender os motivos para a radicalização dos atos que vitimavam a milhares de inocentes e, inclusive, a muitos dos próprios terroristas que se sacrificavam (NEUMANN e KLEINMANN, 2013). Uma concepção básica da radicalização seria um processo pelo qual um indivíduo ou um grupo assume uma forma violenta de ação, diretamente ligada a uma ideologia extremista que desafia a ordem estabelecida no político, social ou cultural (KHOSROKHAVAR, 2014).

Os estudos ligados ao tema do radicalismo, a princípio, concentram-se de maneira especial no terrorismo islâmico, que no caso da América Latina não é problema central. No entanto, é interessante recuperar como a ideia do radicalismo pode ser operada para entender a extrema-direita e o que pode ajudar a pensar o tema no nosso contexto. Em geral, como explicam Alexandra Poli e Onur Arun (2019) e Khosrokhavar (2014), o estudo sobre processos de radicalização têm se preocupado, principalmente, em distinguir diferentes estágios do processo: pré-radicalização; auto-identificação com movimentos radicais; doutrinação em doutrina extremista; e envolvimento direto em atos violentos. Esses autores buscam ir além e refletir sobre o porquê e não somente como operam os processos de radicalização. Nesse sentido e com base em suas pesquisas, explicam que são muitos fatores que alimentam um processo de radicalização política, como fatores psicossociais, determinantes culturais, relações internacionais, papel da mídia e da Internet, quebra de vínculos sociais, fatores políticos, ambientes prisionais e, em alguns casos, atração por personalidades carismáticas. Alexandra e Onur buscam compreender o fenômeno questionando, em um princípio, a relação causal das desigualdades socioeconômicas e o aumento dos radicalismos. No projeto de pesquisa que participam e apoiados em uma metodologia qualitativa, a meta-ethnographic synthesis (MES), os autores demonstram que essa relação é bastante ambígua, notadamente percebida no estudo comparativo sobre a radicalização islâmica e a radicalização política da extrema-direita (POLI e ARUN, 2019).

Os achados dessa síntese meta-etnográfica sugerem que existe uma relação indeterminada entre desigualdade e radicalização. Os estudos analisados demonstram, em particular, a tensão entre as dimensões objetiva e subjetiva da desigualdade, as quais podem levar os indivíduos a seguirem um caminho de radicalização. Os significados subjetivos da desigualdade –ou seja, a percepção de que alguém está posicionado de forma desvantajosa nas relações de poder, independentemente desse sentimento, percepção ou senso de injustiça estar associado ou não a uma situação objetiva– substituiriam as variáveis objetivas da desigualdade. O reconhecimento da dimensão subjetiva da relação entre radicalização e desigualdade

também destaca o fato de que isso não é estático (POLI e ARUN, p. 05, 2019). Inclusive porque a radicalização é vista mais um processo do que um estado. Cada experiência de injustiça é refletida, interpretada e potencialmente mobilizada por meio de uma multiplicidade de outros fatores, incluindo a situação socioeconômica, antecedentes pessoais, laços familiares e contexto nacional. Eles também destacam uma forte crítica à tendência de reificar o vínculo entre desigualdade social, religião e radicalização. O entrelaçamento de exclusão social, religião e radicalização poderia ser, de fato, um estereótipo que prejudica o tratamento de importantes questões sociais para as populações afetadas (como discriminação, racismo e desigualdade).

Vale a pena retomar a explicação de Rydgren (2007, p. 242), na qual afirma que os novos partidos radicais de direita compartilham um núcleo xenofóbico étnico-nacionalista e um populismo *antiestablishment*, oposto à ordem econômica, política e ideológica estabelecida. O programa deles é direcionado para o fortalecimento da nação, em busca de torná-la etnicamente mais homogênea e recuperar seus valores tradicionais familiares e políticos. Em suas plataformas políticas, esse núcleo ideológico incorporaria uma perspectiva sociocultural de um autoritarismo com foco em temas como lei e ordem e valores de família.

As análises sobre as extremas-direitas e suas interpretações através do radicalismo e a desigualdade tomam perspectivas diferenciadas segundo o contexto, como os autores acima citados mencionam. Da discussão desses textos, no entanto, gostaríamos de ressaltar dois pontos fundamentais: o fenômeno global da ascensão da extrema-direita e como relacioná-lo aos contextos locais; e a questão étnica e racial como fator importante constitutivo dessa ascensão.

EXTREMA-DIREITA: FENÔMENO GLOBAL E PARTICULARISMOS ÉTNICO-CULTURAIS

Embora a ascensão da extrema-direita no Brasil tenha especificidades próprias, desde já resultantes do contexto regional

latino-americano e dos processos históricos autoritários do país, é importante destacar que o contexto internacional global e regional propicia o espaço para o seu crescimento. A velocidade da circulação de ideias, informações, notícias (verdadeiras ou as «fake news») através das redes sociais auxiliam o alcance das tendências globais nos contextos locais. Além disso, a expansão global do neoliberalismo, a disputa por recursos (especialmente naturais), a consolidação das elites globais, assim como a constante atuação de agências internacionais influenciam diretamente nas dinâmicas políticas locais e na expansão dos valores e ideologias como a da extrema-direita. Importante recordar que esse contexto apresenta a extrema-direita como uma oferta, uma possibilidade de atuação política para o descontentamento de grupos na sociedade.

Desde já, esse ambiente globalizado impõe um desafio para as análises sociológicas dos fenômenos. Como alertam os autores Greig Calhoun e Michel Wieviorka (2013, p. 25), as ciências sociais se veem constrangidas a transformar sua forma de realizar pesquisa frente ao fenômeno da globalização e também do aumento do individualismo. Em um sentido amplo, a globalização seria a responsável por incluir dimensões econômicas, culturais, religiosas e jurídicas que ultrapassam o escopo das Ciências Sociais, exigindo a ampliação da perspectiva de análise para vários outros cenários locais e globais. Da mesma forma, a globalização se articula com o indivíduo e sua subjetividade, esse sujeito múltiplo, com identidades diversas, que se movimenta nesse universo global. Michel Agier (2013), igualmente, sugere que a individualização acelerada, os processos de globalização homogeneizadores, o contato constante entre os contextos locais e globais e, por fim, o rompimento das fronteiras, das culturas e das identidades provocam mudanças importantes na prática antropológica.

Nesse sentido, as ciências sociais latino-americanas, sempre em luta contra os eurocentrismos das ciências no mundo, têm como desafio explicativo considerar as especificidades locais e regionais dialogando com esse contexto global de influência de novas correntes políticas e de atualização de forças colonizadoras e imperialistas. Observam-se várias tendências de análise. Podemos

destacar os estudos que se atêm a um «nacionalismo metodológico», onde as explicações locais e nacionais são o centro quase exclusivo, ainda que geralmente retomem teorias explicativas europeias ou estadunidenses para fundamentar seus quadros conceituais. Encontramos também estudos regionais, latino-americanos, que buscam na revisão histórica crítica da dominação sociocultural e econômica do continente a explicação para os fenômenos políticos. Os estudos latino-americanos têm sido a vanguarda dessas análises e se assentam, de maneira particular, na perspectiva regional, na interdisciplinaridade e na comparação. Resta ainda, uma análise ampla de como, a partir dos estudos latino-americanos, interagir de maneira horizontal e dialógica com os estudos que tem como foco grandes problemáticas globais (IGREJA e RODRIGUES PINTO, 2019), incidindo, dessa forma, na discussão metodológica e teórica sobre problemas atuais como a ascensão da extrema-direita no mundo.

Por fim, retemos a ideia de que um dos fenômenos característicos importantes da ascensão da extrema-direita globalmente, como ressaltam os diversos autores mencionados, parece ser exatamente a repressão da diferença, o ódio pelo outro, o fechamento identitário, a defesa de uma cultura própria, única, o racismo e a discriminação e o reforço das identidades das elites nacionais. Importante destacar que esse sentimento de negação do outro pela extrema-direita deve ser compreendido dentro de um contexto global onde, especialmente a partir dos anos 90, as políticas multiculturalistas despontam acompanhadas pelo surgimento de novas demandas de direitos com fundamento étnico-cultural e racial e de novos movimentos sociais.

Sem dúvida, a questão dos direitos das minorias étnicas passou a ocupar um espaço fundamental, especialmente na década de 90. Kymlicka (2003, p. 30) propõe algumas razões, entre as quais a queda do comunismo que teria desencadeado uma onda de nacionalismos étnicos na Europa Oriental, afetando o processo de democratização em muitos países da região. Outros fatores, igualmente importantes, são encontrados em diversas democracias ocidentais: o retrocesso narcisista contra migrantes e refugiados, o ressurgimento dos povos indígenas e sua mobilização política

no cenário nacional e internacional, e a crescente demanda de autonomias e propostas separatistas, como no Canadá, Grã-Bretanha, Bélgica e Espanha. Esses fenômenos chegaram a um ponto decisivo na década de 90, deixando evidente que as democracias ocidentais não tinham conseguido superar as tensões apresentadas pelas diversidades étnicas e culturais.

Hall (2003, p. 55) acredita que desde a II Guerra Mundial, o multiculturalismo não só teria se alterado como se intensificado. Assim, seria cada vez mais evidente o seu lugar central no campo da constatação política. Para ele, isso é o resultado de uma série de mudanças decisivas —uma reconfiguração estratégica das forças e relações sociais em todo o globo. Uma mudança importante destacada por Hall é o fim do velho sistema imperial europeu e o surgimento das lutas pela descolonização e pela independência nacional. A partir do desmantelamento dos antigos impérios, segundo o autor, novos Estados-Nações foram criados, multiétnicos e multiculturais, mas continuaram a refletir uma situação de desigualdade e subjugação semelhante àquela vivida durante o período de colonização e reestruturada pela economia mundial liberal.

Na última década do século XX, na América Latina, a etnicidade também ganhou um espaço importante no debate público, alimentado por três fatores: a emergência de movimentos políticos indígenas no contexto nacional e internacional durante as décadas de 80 e 90; o desenvolvimento de uma jurisprudência internacional que passou a caracterizar os direitos dos povos indígenas como parte dos direitos humanos; e, por último, as reformas constitucionais que foram promovidas por todo o continente onde se reconheceu a natureza multicultural das sociedades latino-americanas (SIEDER, 2002, IGREJA, 2005).

O multiculturalismo, enquanto fruto de uma corrente filosófica, não pode ser pensado de maneira homogênea. Nasce e se transforma no debate e na discussão entre linhas de pensamento distintas. Se consolidou em uma versão mais liberal, como o culturalismo liberal de Kymlicka (2003, p. 63), ou em tendências mais críticas que se opõem a uma perspectiva liberal eurocêntrica do mesmo. Muitos autores, críticos do multiculturalismo, demons-

tram, desde o início, uma preocupação importante com o risco de que uma maior concentração na luta pelo reconhecimento de diferenças culturais acabasse relegando a segundo plano o problema das desigualdades sociais. É necessário, no entanto, ressaltar a importância do reconhecimento cultural e da existência do racismo, pois muitos coletivos sofrem exclusões específicas pela sua condição cultural, étnica e racial. Nancy Fraser (2004, p. 151-164) propõe articular os dois pensamentos de maneira inovadora através de uma ampliação do conceito de políticas de distribuição e mesmo de políticas multiculturalistas.

Uma avaliação mais recente desse movimento multiculturalista ressalta os avanços consolidados, especialmente, em legislações nacionais e internacionais que reconhecem uma diversidade de direitos étnicos/culturais e raciais. No entanto, alguns autores afirmam a dificuldade de que esses direitos encontrem sua efetividade no contexto atual, chegando a definir que o neoliberalismo se apropriou do multiculturalismo, utilizando-o para o projeto de descentralização do estado, de fragmentação social e, finalmente, de avanço dos interesses econômicos transnacionais. Charles Hale (2005, p. 13), por exemplo, afirma que a grande eficácia do multiculturalismo neoliberal reside na capacidade dos atores com poder político-econômico de reestruturar a arena da disputa política, criando uma barreira entre os direitos culturais e a afirmação do controle sobre os recursos necessários para a realização desses direitos. Da mesma forma, promovem a repressão aos movimentos sociais e o controle das afirmações identitárias, legitimando determinados grupos e identidades que sejam de seus interesses.

No que diz respeito as identidades, Michel Agier (2001) esclarece que se a mundialização traz com ela processos homogeneizadores, gerando sentimentos de perda de identidade, provoca também a compensação dessa perda pela busca ou criação de novos contextos e retóricas identitárias. Híbrida ou mestiça, como se diz agora, a cultura encontra-se assim mais dominada do que nunca pela problemática da identidade, que se enuncia cada vez mais como uma «identidade cultural». Em seu texto, o autor promove uma reflexão sobre os riscos dos essencialismos culturais e a emergência

das «culturas identitárias» no contexto da globalização. De forma crítica, Agier analisa o papel do antropólogo na promoção dessas culturas identitárias, especialmente, quando não problematizam a forma em que se constroem essas identidades e não valorizam a ideia de uma coletividade universal que permita uma intertextualidade mínima entre todas culturas.

Retomar o tema sobre as identidades é importante quando vemos o movimento da extrema-direita de reafirmação de reafirmação de identidades, culturas, tradições próprias, não negando que outras existam, mas destacando a sua superioridade social. Poucos estudos antropológicos têm se dedicado ao tema da ascensão da extrema-direita. Alguns enfocam o fenômeno dos radicalismos, especialmente, o radicalismo islâmico (SAKHI, 2018). No entanto, a antropologia tem um papel importante, pelos seus marcos teóricos e metodológicos, na compreensão da extrema-direita, seus valores e a cultura própria que pretende defender. Sylvan Crépon (2001), por exemplo, analisando jovens militantes do Front National (partido de extrema-direita) na França, observa uma apropriação importante de léxicos e conceitos próprios da antropologia. O autor observa que a noção de identidade nacional é traduzida em termos de pertença cultural; que o nacionalismo expansionista do tempo da colonização é rejeitado ao nome do respeito a integralidade cultural dos povos; que as hierarquias biológicas são descritas em nome de um relativismo cultural, entre outros. Como explica, para esses jovens não se trata mais de focar na superioridade das raças ou expansionismo colonial, mas em primeiro lugar destacar um relativismo cultural ligado a preservação das especificidades de cada povo. É a origem cultural que determinaria o acesso à nacionalidade para essa extrema-direita e como base nela se estruturam as hierarquias. Como afirma o slogan utilizado pelos jovens frentistas: «Être français ça s'hérite ou ça se mérite» (Ser francês se herda ou se merece).

Como mencionamos na introdução desse texto, buscamos exatamente identificar nos discursos, mensagens e redes sociais as categorias, conceitos e léxicos que são explorados por essa nova extrema-direita encabeçada por Jair Bolsonaro, como objetivo de estabelecer uma revolução cultural que busca, no entanto, a recu-

peração de valores tradicionais, religiosos, moralistas para «reconstruir» a sociedade brasileira. Nesse contexto, as ciências sociais são confrontadas, deslegitimadas e todo progresso científico atacado.

A EXTREMA-DIREITA NO BRASIL E AS CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO POPULISTA AUTORITÁRIO

A internet teve impacto direto na reconfiguração da direita e na formação de organizações de diferentes matizes ideológicos, como por exemplo, o Movimento Brasil Livre (MBL), o Instituto Millenium, o Instituto Liberal e o Instituto Mises Brasil que ganharam popularidade nas redes sociais rapidamente. A conversão aos padrões de comunicação que despontaram com as novas mídias digitais, especialmente o YouTube, ampliou o impacto das direitas e permitiu a convergência em torno de conteúdos com orientação ideológica por meio da criação de redes de produção e disseminação de conteúdo.

A partir de 2013, quando amplas manifestações tomaram o país e, especialmente, após as eleições presidenciais de 2014, a direita tradicional passou a renomear seus partidos, com novas siglas e novos candidatos. Se propagou a ideia de que havia uma nova direita no país, mesmo que em muitos casos fossem as mesmas pessoas e as mesmas ideias da direita tradicional. Os candidatos alinhados ao liberalismo e, na maioria das vezes, ao conservadorismo, buscaram se apropriar da imagem da renovação, em um contexto de profunda rejeição popular à política tradicional, às instituições democráticas e, especialmente, ao Partido dos Trabalhadores.

A direita iniciou sua conversão digital pragmaticamente em 2013 e Bolsonaro passou a se posicionar como um opositor radical das pautas identitárias e progressistas, identificadas como estratégia de dominação ideológica da esquerda internacional. Com seus constantes exageros, conservadorismo e crueza no trato com seus opositores, frequenta os noticiários como uma figura de posições reacionárias, histriônicas e controversas, especialmente por sua admiração pela Ditadura Militar.

Em 2017, Bolsonaro passa a ocupar o horário nobre dos domingos, por meio de uma paródia sua realizada pelo humorista

Carioca, apoiador de sua candidatura, transmitida em programa televisivo que atingia uma das maiores audiências do país. O quadro «Mitadas do Bolsonaro» se tornou importante instrumento de massificação de seu nome e imagem e as grosserias que costumava dirigir às minorias e à esquerda eram naturalizadas por sua representação em um tom infantil e debochado. Bolsonaro construiu seu populismo apoiado pelo carisma do seu personagem e pela tradição de seus valores.

A antiga estratégia de Bolsonaro, inexpressivo Deputado Federal em seu sétimo mandato, de pautar a mídia por meio de provocações, exageros, simplificações e grosserias, assim como, a sua representação humorística, converteram-no em um avatar do descontentamento dos eleitores. Além disso, o avanço nas redes sociais permitiu que se tornasse o principal orientador dos conteúdos que conferiram significado ao espectro ideológico durante as eleições de 2018. Como ilustra um tweet, de 5 de julho de 2018, definindo as características da esquerda e incentivando a disputa pelos meios disponíveis, Bolsonaro produziu e conduziu o descontentamento das massas contra a esquerda: «o politicamente correto é uma das táticas da esquerda para fazer o que sempre fizeram em países que implementaram seu plano de poder: aos simpatizantes tudo, aos adversários a força e à população o controle, a mordança e nada mais».

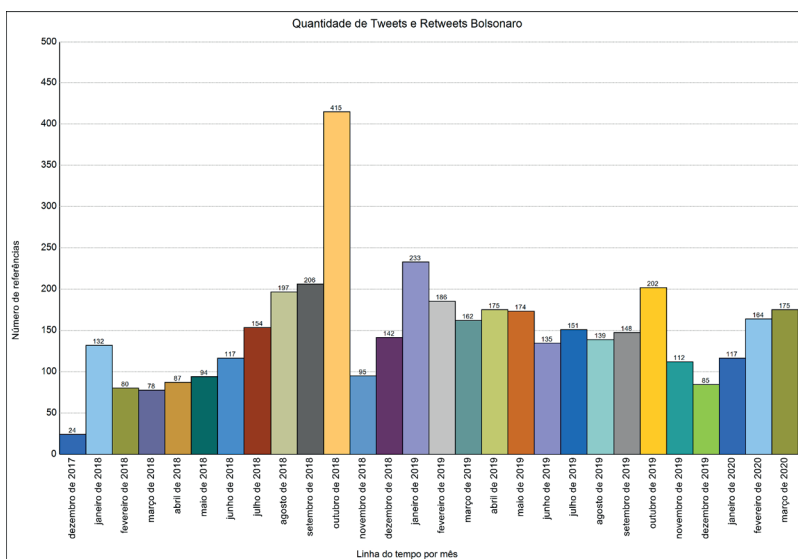
A caracterização elaborada por Bolsonaro do que seria o *establishment* (identificado frequentemente com categorias como esquerda, comunistas, politicamente corretos, progressista, gays, corruptos e imorais), a sua auto-representação como único candidato *anti-establishment* (austero, sincero e desalinhado dos formalismos da política tradicional) e o domínio das redes sociais como meio de construção desses significados (linguagem coloquial, comportamento informal, o cara-a-cara com o eleitor) foram determinantes para a vitória e servem como tripé de seus discursos e medidas.

O presidente Bolsonaro não é adepto de discursos longos e elaborados e costuma celebrar sua proximidade com o povo por meio de um vocabulário coloquial e direto. Quando trata de temas controversos, tende a confrontar o interlocutor. Aos meios de comunicação que rejeita publicamente, como por exemplo, a Rede

Globo e a Folha de São Paulo, reserva certa agressividade, com ironias e deboche. Muitas vezes, constrange repórteres e responde questionando-os individualmente sobre suas preferências ideológicas. Busca suporte nos meios de comunicação de seus apoiadores e beneficiados diretos, como a Rede Record, pertencente ao televangelista Edir Macedo, bilionário fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. Ao mesmo tempo, mantém seu contato direto com seus eleitores por meio de *transmissões* semanais ao vivo no YouTube e pela intensa comunicação nas redes sociais. Assim, redes sociais como o Twitter se tornam um registro imediato das posições e conteúdos ideológicos promovidos pelo governo.

Como se observa no gráfico abaixo, Bolsonaro gera uma quantidade considerável de conteúdo no Twitter, superando a média de 5 tweets por dia, na maior parte dos meses, e somando 4.179 tweets e retweets no período analisado (entre dezembro de 2017 e março de 2020), permitindo um registro sistemáticos dos pontos de vista e eventos do político e do seu governo.

Gráfico 1. Quantidade de tweets e retweets por mês no perfil de Bolsonaro



Fonte: Gráfico feito pelos autores desse texto com base nos dados do Twitter.

Grande parte do conteúdo divulgado por Bolsonaro segue o seu padrão provocativo característico. Além disso, o presidente permanece definindo os inimigos internos da nação e ampliando a sua quantidade. A nuvem de palavras abaixo ilustra os principais termos utilizados por Bolsonaro em seu Twitter. Apesar de generalista, tal imagem indica alguns termos comuns significativos, como a palavra *não*, segunda mais utilizada em todo o vocabulário de Bolsonaro. Cerca de 80% dos tweets com esta palavra possui sentido adversativo, se opondo ao passado, à esquerda, aos grupos políticos dominantes e aos meios de comunicação.

Imagem 1. Nuvem de Palavras



Fonte: Imagem feita pelos autores desse texto com base nos dados do Twitter.

Como se pode observar, temas como segurança, trabalho, desenvolvimento e economia estão entre os mais comentados por Bolsonaro, assim como, indicações de conteúdo do YouTube, críticas à imprensa e valorização da família brasileira, ao passo que conteúdos como educação e saúde são mais raros. Em termos gerais, cerca de 70% dos tweets possuem conteúdos que permitem categorizá-lo como populista de extrema-direita. O quadro abaixo descreve as principais categorias analíticas encontradas no seu discurso.

Quadro 1. Categorias populismo e extrema-direita nos tweets de Bolsonaro

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
1. Antidemocrático	Afirmações defendendo a Ditadura Militar e críticas aos direitos humanos.
2. Eleitoral	Conteúdo voltado para divulgar pesquisas eleitorais, agendas de campanha, promover aliados, criticar campanhas de opositores.
3. Moralismo	Alertar a sociedade contra o «kit-gay» e valores progressistas, posições alinhadas com conservadorismo, legitimadas pela crença/fé e moralismo.
4. antiesquerda (recorte analítico)	Todas as menções de Bolsonaro à esquerda são críticas e na maioria, associam-se a outras categorias analíticas como antipolítica, pois envolvem denúncias falsas, acusações de corrupção, de doutrinação, e de problemas no sistema político que podem caracterizar todos os partidos ou a nenhum. Além dessa, a pauta da educação possui grande correlação, sendo atacada por seu pretenso viés ideológico.
5. antipolítica	Acusações contra partidos, políticos e militantes. Críticas aos políticos e partidos tradicionais... interpretações politicamente orientadas e, algumas vezes desconectadas da realidade, Fake news. Suspeição das regras e instituições, como a fraude na urna eletrônica ou os interesses obscuros do judiciário.
6. antimeios de comunicação	Críticas frequentes à parcialidade da grande imprensa
7. antiminorias	negros, índios, sem-terra, mulheres, desempregados, moradores de rua, imigrantes, presidiários, criminosos.
8. Anticultura	Artistas (liberais, de esquerda, progressistas, tradicionais)
9. Liberalismo	crítica ao papel do estado e ao excesso de direitos trabalhistas, posicionamento sobre políticas econômicas.
10. Militarização	Liberção da posse de armas, violência contra a violência, disciplina.
11. corrupção	Tema recorrente. Associação constante com a esquerda.
12. PAUTA DA educação	Tema específico de análise. Geralmente associada à anti-esquerda. Geralmente crítica moralista, ideológica, militarizada, liberal sobre ensino, educação, pesquisas, docentes, pesquisadores e Instituições Públicas de Ensino.

Fonte: Gráfico feito pelos autores desse texto com base nos dados do Twitter.

O gráfico abaixo, por sua vez, demonstra a distribuição desses significados no conjunto de tweets publicados por Bolsonaro durante o período de 18 meses, entre dezembro de 2017 e maio de 2019, compreendendo, portanto, todo o ano eleitoral e os primeiros 5 meses de seu governo. Cerca de 48% do total de tweets e retweets publicados por Bolsonaro no período analisado apresentavam significados que se enquadravam nas categorias abaixo distribuídas.

Durante o período selecionado, cerca da metade dos tweets de Bolsonaro indicam seu posicionamento populista e de extrema-direita com um padrão constante de forma e conteúdo. Aproximadamente 50% do conteúdo foi dirigido à esquerda, ao comunismo, ao socialismo e às pautas progressistas em geral.

Diferente da Europa e Estados Unidos, a pauta anti-migratória não se configura como um tema central na composição ideológica da extrema-direita brasileira. Dos 4.179 tweets, apenas 20 se referem ao tema. Submetida ao caráter anti-esquerda de sua agenda, a pauta gerou comentários sobre os médicos cubanos que trabalhavam no Brasil e dos venezuelanos que buscavam melhores condições, em ambos os casos para criticar governos de esquerda. Dois tweets evidenciam tal característica ideológica, o primeiro, de 14 de novembro de 2018, afirma que «Atualmente, Cuba fica com a maior parte do salário dos médicos cubanos e restringe a liberdade desses profissionais e de seus familiares. Eles estão se retirando do Mais Médicos por não aceitarem rever esta situação absurda que viola direitos humanos. «Lamentável!», e o segundo, de 17 de novembro de 2018, indica sua solução, «após Bolsonaro prometer asilo político, médicos cubanos entram com ações para ficar no Brasil».

Essa posição em relação aos migrantes não se reflete, no entanto, em uma postura respeitosa às diferentes culturas. Algumas das manifestações do presidente deixam claro seu pensamento. «Se for uma reforma de japonês, ele vai embora. Lá tudo é miniatura», frase dita ao ministro Paulo Guedes, da economia, com relação à reforma da previdência. Ou, ainda em relação aos japoneses, «Tudo pequenininho aí?», frase dita em maio de 2019, quando posa para uma foto com um asiático. Nesse momento, de maneira ofensiva, o presidente faz um gesto indicando o tamanho dos órgãos sexuais dos asiáticos.

Devemos destacar que o ataque às minorias se dirige, essencialmente, a grupos nacionais. Bolsonaro toma a população negra, indígena, camponesa, nordestina (com referência a população do nordeste do país), assim como mulheres e comunidades LGBTQ+ como seus alvos de ataque, em manifestações racistas e homofóbicas, além de promover políticas que atacam a esses grupos populacionais. Além de mensagens corriqueiras sobre o tema no Twitter, são cotidianas suas manifestações em público, como por exemplo: «Com toda a certeza, o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós», dita em janeiro de 2020. Ou ainda, «Fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava 7 arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais», dita em abril de 2017. Também afirmou em fevereiro de 2016 que «Não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente». «Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso», afirma Bolsonaro dias antes do segundo turno, em 2018, dando uma entrevista à TV Cidade Verde, do Piauí. Como acontece, geralmente, Bolsonaro vincula as demandas das distintas minorias às ideologias de esquerda.

As forças militares são uma das únicas categorias que Bolsonaro afirma representar, legitimando seus valores e visão de mundo devido a sua trajetória como capitão do exército. Assim como outras matrizes valorativas presentes no seu discurso, o nacionalismo é inconstante e dúbio. Durante o período de dezembro de 2017 e março de 2020, Bolsonaro publica apenas 59 tweets de cunho patriótico ou nacionalista. Por vezes, ao se vincular com o povo, composto pelo conjunto de indivíduos que o apoiam, enaltece os valores que formam a pátria. Na maioria das vezes, refere-se ao sentimento anti-esquerda e aos princípios militares como base do seu patriotismo. Inclusive, possui clara preferência ao termo «pátria» quando se dirige às forças armadas. Quando trata de outros países, principalmente Estados Unidos e Israel, Bolsonaro assume que o Brasil é inferior em certos aspectos, novamente responsabilizando

a esquerda pelo pretenso atraso e destacando as virtudes de nações fortes e desenvolvidas que optaram por governantes à direita nas últimas eleições.

A conexão de sentidos entre a perspectiva anti-esquerda, o nacionalismo e o militarismo, cristaliza-se no discurso de Bolsonaro pela valorização da sua pretensa superioridade ética e moral, e não a do povo que ele idealmente representa. Neste sentido, diferentemente do tradicional populismo de extrema-direita, Bolsonaro não enaltece o povo brasileiro. Foram os seus apoiadores, despertos pela insatisfação gerada pela crise política e econômica, que se converteram em seus apoiadores, em grande medida porque ele foi capaz de se comunicar genuinamente e esclarecer aos seus eleitores quais seriam os problemas da nação. Para isso, redefiniu os significados do espectro ideológico brasileiro durante o período eleitoral e personificou-se como uma cura amarga para uma doença aguda que estaria assolando o país devido aos governos de esquerda. O carisma personalista adquirido previamente, característico do populismo, sustentou a legitimidade que permitiu a prescrição de valores patrióticos militares e religiosos cristãos para a constituição de uma nova identidade moral dos verdadeiros brasileiros, oposta àquela pretensamente planejada pela esquerda.

O discurso de Bolsonaro assume características extremistas ao negar a composição identitária diversificada do país e responsabilizar a esquerda pela tentativa de subverter moral e ideologicamente a tradicional cultura brasileira. A reforma cultural e moral proposta por Bolsonaro, entretanto, tem sentido reacionário, buscando ativar o passado idealizado do Regime Militar como modelo social ideal.

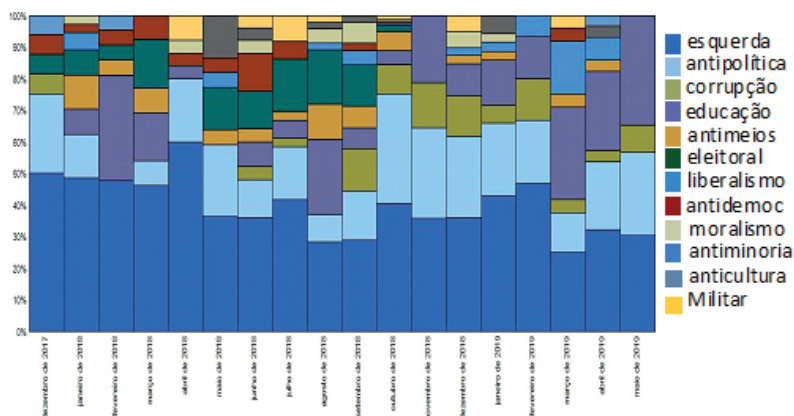
O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO E DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL POR MEIO DO DISCURSO OFICIAL

O tratamento dispensado por Bolsonaro à educação e à ciência, e aos seus atores e instituições é, invariavelmente, crítico e polêmico, indissociavelmente conectado à crítica ideológica e moralista comum no seu discurso anti-esquerda. O gráfico abaixo

mostra a quantidade de ocorrências de conteúdos categorizados como anti-esquerda, conteúdos sobre o grande tema da educação e de conteúdos que se enquadram em ambas as categorias. Como se observa, a maioria das vezes que Bolsonaro divulga algum tweet sobre educação, ele também se refere à esquerda.

Gráfico 3. Distribuição mensal de tweets e retweets sobre esquerda e educação

GRÁFICO 2. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL MENSAL DE SIGNIFICADOS



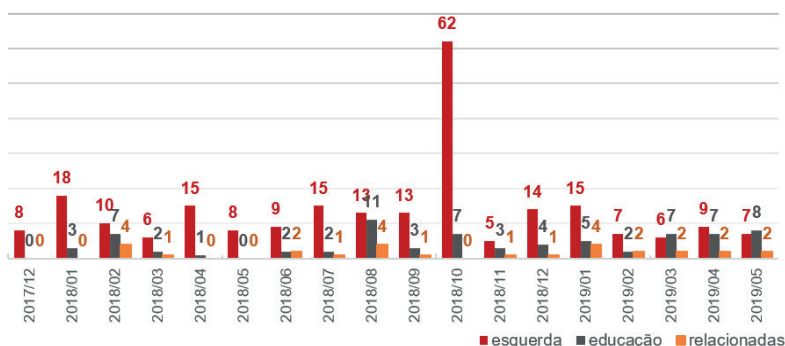
Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do Twitter.

A principal crítica feita por Bolsonaro se refere ao caráter político-doutrinário presente das disciplinas de humanas da educação pública. Ao que segue, o segundo principal eixo de considerações sobre a educação e pesquisa se concentra na categoria Liberalismo. No caso da educação, os tweets sobre Liberalismo destacam o ensino e pesquisas privados como mais adequados aos níveis de qualidade, eficiência e inovação necessárias para o país e apontam para a solução neoliberal com corte de recursos para rede pública e redirecionamento de investimentos para a rede privada. Como ilustra o tweet de 22 de dezembro de 2018: «... Reduzir o estado, desenvolvimento sem entraves de ONGs, acordos comerciais bilaterais já em andamento e mudar a atual pífia linha educacional. Vamos alavancar o Brasil!». Em outro tweet, Bolsonaro afirma

que «na Educação, assim como na Saúde, os números levam à conclusão que as crianças e os jovens brasileiros deveriam ter um desempenho escolar muito melhor, tendo em vista o montante de recursos gastos».

Como se observa abaixo, existem vários significados característicos do discurso de extrema-direita associados ao tema da pesquisa e educação, com destaque para a categoria moral, que sintetiza valores conservadores nos costumes e a categoria anti-minorias que expressa o tratamento pejorativo destinado a determinadas camadas da sociedade.

Gráfico 4. Significados frequentemente associados à esquerda e educação



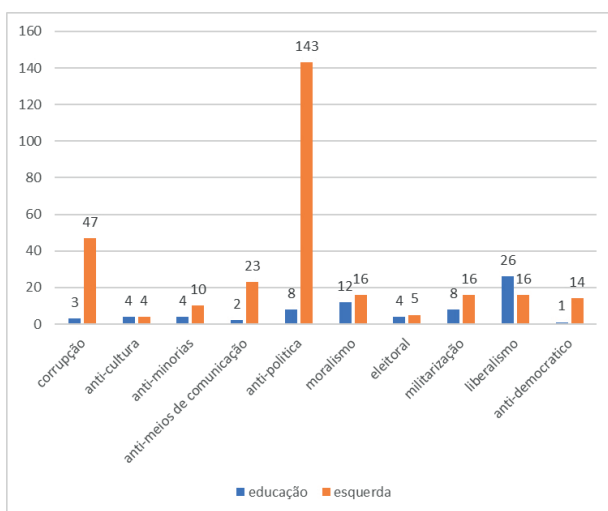
Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do Twitter.

Alguns tweets sobre educação são ilustrativos, ao apresentarem diferentes categorias ideológicas sintetizadas e insinuarem os objetivos de suas propostas: «Conteúdo e método de ensino precisam ser mudados. Mais matemática, ciências e português, SEM DOCTRINAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO PRECOCE. Além disso, a prioridade inicial precisa ser a educação básica e o ensino médio / técnico» e «Vamos defender a família, os verdadeiros direitos humanos; proteger o direito à vida e à propriedade privada e promover uma educação que prepare nossa juventude para os desafios da quarta revolução industrial, buscando, pelo conhecimento, reduzir a pobreza e a miséria». Assim, atender ao novo mercado de trabalho e eliminar conteúdos de política e

moral são argumentos utilizados para propor a redução da carga de conteúdos no ensino médio.

Além da solução neoliberal conservadora, os tweets suportam a militarização das escolas públicas, valorizando a ordem e disciplina impostos por uma moral militar, única capaz de acabar com a desordem deixada pela esquerda. Neste sentido, os cortes e redirecionamento de recursos costumam ser justificados pelo necessário atendimento dos reais interesses dos brasileiros abandonados pelo governo de esquerda. Um dos tratamentos destinado aos profissionais das ciências e da educação pode ser exemplificado no tweet compartilhado por Bolsonaro no primeiro dia do período eleitoral:

Imagem 4. Primeiro Tweet sobre educação no período eleitoral



Legenda: Diretório Acadêmico Dezesete de julho: NA UFF É DEDO NO CU E GRITARIA. Semana de Integração 2018.2.

Desta forma, cabe destacar, muitos conteúdos difundidos por Bolsonaro expressam certa fusão entre o político e sua representação humorística, que se cristalizou entre alguns segmentos eleitorais. Diversas vezes suas postagens causam alarde entre a oposição e imprensa por sua falta de decoro. A educação, da mesma forma, muitas vezes é tratada com o humor e desdém característicos.

Com sua eleição, os conteúdos gerados no Twitter passaram a ser relacionados mais diretamente com o conteúdo divulgado pelo ministro da educação Abraham Weintraub que, notadamente, faz um uso publicitário e alinhado com o estilo desenvolvido por Bolsonaro. Entre 24 de abril de 2019 e 11 de novembro de 2019, dos 413 tweets divulgados em sua conta, iniciada logo após assumir o cargo, 188 são sobre educação, 63 sobre a esquerda, 21 sobre a Rede Globo e seus proprietários e 13 sobre as Universidades. A palavra pesquisa é mencionada apenas 2 vezes e Ciência apenas uma. Dos tweets sobre educação, cerca de 30% se vinculam a categoria liberalismo (como solução do pretenso caos do sistema de Ensino e Pesquisa) e 35% à anti-esquerda. Mensagens como, «Para quem conhece Universidades Federais, perguntar sobre tolerância ou pluralidade aos reitores (ditos) de esquerda faz tanto sentido quanto pedir sugestões sobre doces a diabéticos» ou, «Trabalhamos para aumentar, em 50 pontos, o número do PISA e redirecionar o que está sendo gasto com a educação superior para fins mais produtivos. Um trabalho que já está sendo feito e estruturado pelo MEC» aponta para duas principais características dos tweets de Weintraub. O estilo belicoso adornado por tom sarcástico e escrachado e a agenda neoliberal de orientação dos investimentos para fins mais produtivos com corte em áreas consideradas menos importantes, como as ciências humanas.

Logo após assumir o Ministério da Educação, sua demonstração ideológica mais evidente foi em uma entrevista em que afirmou que as «Universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas», que «A universidade deve estar com sobra de dinheiro para fazer bagunça e evento ridículo», «Sem-terra dentro do câmpus, gente pelada dentro do câmpus», ou, por fim, «Não incentivo ninguém a filmar uma conversa na rua, mas as pessoas têm o direito de filmar. Isso é liberdade individual de cada um (...) Pelo que me foi descrito, o dinheiro do contribuinte não estava sendo gasto da melhor forma. Se eu tivesse pagando por uma aula dessas, eu me sentiria lesado. Agora, vamos olhar com calma e analisar dentro da lei o que pode ser feito, respeitando professores,

alunos e pagadores de impostos», dito como incentivo para que os estudantes filmassem e denunciassem os professores que falassem de política durante a aula.

Finalmente, 25% do conteúdo compartilhado pelo Ministro da Educação é dedicado a atacar os meios de comunicação e 16% configuram-se dentro da categoria moralismo. «Tem “jornalista” como a Playmobil falando que não há plantações de maconha nas universidades federais. Que dureza...», por exemplo, é um tweet respondendo à repercussão de suas declarações sobre plantações de maconha que supostamente estavam localizadas na Universidade de Brasília, fato que havia sido publicamente negado pelo poder público, mas que o ministro utilizava para atacar a imprensa e desmoralizar a uma instituição pública de ensino e pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O populismo autoritário de direita (NORRIS; INGLEHART, 2019) foi desperto em diversas sociedades do mundo (MUDDE, 2016). A dimensão global do fenômeno incentiva reflexões sobre suas características macroestruturais, como as respostas políticas às crises do capitalismo (MCCARTY; POOLE; ROSENTHAL, 2006), as condições de revolta contra a democracia liberal (EATWELL; GOODWIN, 2018), a insurgência contra a revolução silenciosa promovida pelo desenvolvimento de valores pós-materialistas (INGLEHART; NORRIS, 2016; IGNAZI, 2017) ou o impacto das novas tecnologias de comunicação na democracia (GAINOUS; WAGNER, 2014).

Foi com base nessa constatação que iniciamos uma análise sobre a ascensão de Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL) nas redes sociais e detalhamos alguns conteúdos produzidos por ele que auxiliam na compreensão das mudanças ideológicas ocorridas no Brasil nos últimos 5 anos e dos conteúdos que tornaram possível a captura das redes pela direita neoliberal autoritária (KITSCHOLT; MCGANN, 1995), especialmente durante o ano de 2018 e início de 2019. Devido a disseminação do seu uso po-

lítico, as redes sociais e grupos de WhatsApp se converteram no mais disputado meio para a disputa por hegemonia (GRAMSCI, 2000) e, portanto, em uma fonte significativa de dados sobre as ideologias políticas.

A redefinição dos significados ideológicos promovida pelo futuro presidente possui uma base constante de rejeição da esquerda que se revela em críticas a instituições democráticas, grupos sociais e identitários minoritários (desempregados, negros, mulheres, LGBTQ+, dentre outros), países governados pela esquerda, ideias e valores morais. Assim como ocorre com as ciências, as artes, a imprensa, os partidos, sindicatos e movimentos sociais, também a educação, especialmente a superior, foi alvo frequente desse tipo de crítica. Os dados demonstram que o escárnio e o deboche foram frequentemente utilizados nas redes sociais como estilo de interação com os seguidores, especialmente para se referir à esquerda, sua pauta, representantes e militantes. Muitos seguidores, seduzidos pela rejeição radical a «tudo o que está aí» representada por Bolsonaro, intensificaram a produção e compartilhamento de conteúdo político, contribuindo com o processo de radicalização ideológica.

O sentimento de guerra ideológica interna transformou o período eleitoral em um ritual de expurgo dos vícios da política nacional, entretanto, mediado pela internet, operacionalizou-se em caricaturas, memes e fake news. Dessa forma, constituído como simulacro da vida social e política, o período eleitoral permitiu apenas a simulação catártica do expurgo, sua representação mais restrita e grotesca.

O desenrolar da eleição de Bolsonaro e seu primeiro ano de governo produziram um constante fluxo de informações contrastantes entre os veículos de informação oficiais e os demais. A grande quantidade de informações tornou necessária sua redução à uma porção analisável, entretanto, a compreensão dos significados associados às ideologias de extrema-direita depende de semelhante compreensão dos fatores causais, auxiliares e resultantes da ascensão dessas forças políticas. Ainda que as configurações e transformações das ideologias políticas sejam muito atreladas à oferta, demanda ou às instituições políticas regionais, desde que as ideologias políticas se

tornaram um objeto de disputa, tornam-se cada vez mais globais. Resta importante às Ciências Sociais, por conseguinte, esforços para o desenvolvimento de ferramentas e técnicas que deem conta do fluxo acelerado de informações que gera quantidade enorme de dados quali-quanti. Aliadas à criação de constructos analíticos que consigam expressar a dialética entre os movimentos ideológicos globais e as reconfigurações locais dos seus significados, é possível observar as inúmeras configurações ideológicas aceitas em diferentes contextos socioculturais e compreender as dinâmicas ideológicas e os novos processos de constituição de hegemonia nas democracias modernas.

Cabe às ciências sociais redobrar a atenção sobre a produção e divulgação de dados confiáveis sobre o Estado e a Sociedade, em especial sobre as condições e qualidade da democracia, assim como, orientar seus esforços para contribuir com pesquisas que possam ir além do acompanhamento de experiências exemplares de participação democrática e aprofundem, novamente, o debate sobre as condições de exercício de oposição, aspecto relevante (DAHL, 2006) para reposicionar os desafios da vida em sociedades democráticas que tendem a conflitos radicais e posicionamentos ideológicos extremistas (MOUFFE, 2014).

Especificamente em relação à Antropologia, a disciplina muito pode contribuir para a análise desses significados e representações atribuídos à diferentes grupos, assim como o impacto das diversas políticas que esse governo implementa. São indígenas, negros, diferentes comunidades tradicionais, entre outros coletivos que sofrem cotidianamente as agressões simbólicas e concretas por parte dessa nova extrema-direita. Além disso, ferramentas comuns da antropologia política e jurídica podem contribuir para entender as instituições, o Estado, o Direito, desde abaixo, desde suas práticas, desde seus atores. Tal tarefa é fundamental nesse momento. Mas não só isso, muito pode ainda ser avançado no estudo etnográfico sobre as elites, autoridades, atores com poder econômico importante que nesse momento impõem seus interesses máximos no cenário político. Novos atores, ou velhos atores com poderes potencializados nesse contexto, como os pertencentes à diferentes

denominações religiosas, como evangélicos, despontam-se como sujeitos importantes de estudo. Todos esses estudos auxiliam a compreender não somente em como opera a extrema-direita, mas especialmente, como ela consegue tamanha adesão na sociedade.

Diante dos inúmeros desafios representados pela ascensão de um projeto neoliberal que reduz investimentos na pesquisa, os cientistas brasileiros, de maneira geral servidores públicos, e em especial os cientistas sociais, alvo imediato de crítica e cortes orçamentários, são convocados a demonstrar sua importância para a sociedade. Cabe, portanto um esforço de aproximação e difusão das pesquisas, não apenas para os pares do mundo todo, mas para a sociedade em geral. Especialmente em contextos de extrema desigualdade socioeconômica que incentivam os extremismos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. Le tournant contemporain de l'anthropologie. *Socio*, 1, 2013, 77-93.
- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, São Paulo, nº 7, p. 7-33, 2001.
- AMANN, Edmund; BAER, Werner. Neoliberalism and Its Consequences in Brazil. *Journal of Latin American Studies*, v. 34, nº 4, p. 945-959, 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3875728>>.
- ARAÚJO, Octavio Rodríguez. *Izquierdas e Izquierdismo: de la Primera Internacional a Porto Alegre*. Delegación Coyoacán, México: Siglo Veintiuno, 2002.
- BEVERLEY, John. *Subalternity and representation: arguments in cultural theory*. Durham and London: Duke University Press, 1999.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CALHOUN, Craig, WIEVIORKA, Michel. Manifeste pour les sciences sociales. *Socio*, 1, 2013, 5-39.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *Habitations of modernity*. EEUU: University of Chicago, 2002.
- CREPON, Sylvain. L'extrême droite sur le terrain des anthropologues. Une inquiétante familiarité. *Socio-anthropologie*, nº 10, 2001, mis en ligne le 15 janvier 2003, consulté le 14 avril 2020. Disponível em:

- <<http://journals.openedition.org/socio-anthropologie/164>>. DOI: <https://doi.org/10.4000/socio-anthropologie.164>
- DAHL, Robert. *How Democratic is the American Constitution?* [S.l.]: Yale University Press, 2006.
- EATWELL, Roger, GOODWIN, Matthew. *National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy*. London: Pelican, 2018.
- FORCHERI, Miguel Serna. *Reconversão democrática das esquerdas no Cone Sul*. Bauru: EDUSC, 2004.
- FRASER, Nancy. Justice sociales, redistribution et reconnaissance. *Revue de Mauss: De la reconnaissance - Don, identité et estime de soi*, Paris, n° 23, p. 151-164, primeiro semestre 2004.
- GAINOUS, Jason, WAGNER, Kevin M. *Tweeting to power: the social media revolution in American politics*. New York: Oxford University Press, 2014.
- GIDDENS, Anthony. *Para Além da Esquerda e da Direita: o futuro da política radical*. São Paulo: Unesp, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. *Selections from the prison notebooks*. 12. ed. New York: International Publishers, 1991.
- GRAMSCI, Antonio. *The Antonio Gramsci Reader: selected writings 1916-1935*. New York: New York University Press, 2000.
- HALE, Charles. Neoliberal Multiculturalism: The Remaking of Cultural Rights and Racial Dominance in Central America. *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review*, vol. 28, n° 1, pp. 10-28, 2005.
- HALL, Stuart. Questão multicultural, in: LIV SOVIK (org.). *Da diáspora: identidades e Mediações culturais*. UFMG/Unesco, 2003. p. 51-100.
- IGNAZI, Piero. *Extreme right parties in Western Europe*. New York: Oxford University Press, 2017.
- IGREJA, Rebecca. «Estado, diferença cultural e políticas multiculturalistas: uma comparação entre Brasil e México». Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- IGREJA, Rebecca; PINTO, Simone Rodrigues. La Contribución de los Estudios Latinoamericanos para la Producción de un Conocimiento Global, in LEMOS IGREJA, Rebecca; HOFFMANN, Odile, PINTO, Simone Rodrigues. *Hacer ciencias sociales desde América Latina: desafíos y experiencias de investigación*. FLACSO, 2019.
- INGLEHART, Ronald, NORRIS, Pippa. *Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash*. EEUU: Harvard Kennedy School Faculty Research Working Paper Series, p. 1-52, 2016.

- KHOSROKHAVAR, Farhad. *Radicalisation*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, coll. «Interventions», 2014, 191 p.
- KITSCHOLT, Herbert, McGANN, Anthony J. *The Radical Right in Western Europe: a Comparative Analysis*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- KYMLICKA, Will. *La política vernácula - Nacionalismo, multiculturalismo y ciudadanía*. Barcelona/Buenos Aires/ México: Paidós, 2003.
- LACLAU, Ernesto, MOUFFE, Chantal. *Hegemonía y estrategia socialista Hacia una radicalización de la democracia*. Madrid: Siglo XXI, 2000.
- MCCARTY, Nolan M., POOLE, Keith T., ROSENTHAL, Howard. *Polarized America: the dance of ideology and unequal riches*. [s.l.] MIT Press, 2006.
- MOUFFE, Chantal. *Agonística: pensar el mundo políticamente*. Buenos Aires: Fondo Cultural, 2014.
- MUDDE, Cas. *The Study of Populist Radical Right Parties: Towards a Fourth Wave*. Noruega: Center for Research on Extremism, The Extreme Right, Hate Crime and Political Violence. University of Oslo, nº 1, pp. 1-25, 2016.
- MUTZ, Diana C. *In-your-face politics: the consequences of uncivil media*. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- NEGRI, Camilo; IGREJA, Rebecca; RODRIGUES PINTO, Simone. «Aconteceu também no Brasil»: a captura das redes de esperança pela extrema direita, *Cahiers des Amériques Latines*, nº 92, 2019/3. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cal/>>
- NEGRI, Camilo; IGREJA, Rebecca; RODRIGUES PINTO, Simone. «It happened in Brazil too»: the radical right's capture of networks of hope, *Cahiers des Amériques Latines*, nº 92, 2019/3, p. 17-38. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cal/>>
- NEUMANN, Peter; KLEINMANN, Scott. How Rigorous Is Radicalization Research?, *Democracy and Security*, 9:4, 2013, p. 360-382. DOI: 10.1080/17419166.2013.802984
- NORRIS, Pippa, INGLEHART, Ronald. *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism*. New York: Cambridge University Press, 2019.
- POWELL, Bingham G. Extremist parties and political turmoil: two puzzles. *Am. J. Polit. Sci.*, vol. 30, nº 2, p. 357-378, 1986.
- POLI, Alexandra; ARUN, Onur. *Report on the Meta-Ethnographic Synthesis of Qualitative Studies on Inequality and Youth Radicalisation*. Unión Europea: Dialogue About Radicalisation and Equality (DARE), 2019

- RYDGREN, Jens. The Sociology of the Radical Right. *Annu. Rev. Sociol.*, 33, p. 241-262, 2007.
- SAKHI, Montassir. Terrorisme et radicalization. *Journal des anthropologues*, p. 154-155, 161-181, 2018.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 25-68.
- SARTORI, Giovanni. *A teoria da democracia revisitada. Vol. 1: O debate contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1994 [1897].
- SIEDER, Rachel. Multiculturalism in latin America - indigenous rights, diversity and democracy, in SIEDER, Rachel (edição), *Multiculturalism in latin America - indigenous rights, diversity and democracy*. Londres: Palgrave, 2002. p. 1-24.
- WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2007.



REBECCA LEMOS IGREJA é doutora, antropóloga, professora do Departamento de Estudos Latino-Americanos-ELA/ICS e da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília. Membro do Conselho Superior Internacional da Faculdade de Ciências Sociais da América Latina-FLACSO e co-coordenador do programa do Colégio Latino-Americano de Estudos Mundiais da FLACSO/Brasil. Co-coordenadora do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Acesso à Justiça e Direitos na América-LEIJUS/UnB. Membro da Rede de Estudos Empíricos de Direito-REED (Brasil) e de Justiça para Afrodescendentes no Instituto da América Latina-OJALA/FIU/EUA. Pesquisador associado ao Centro de Estudos de Movimentos Sociais-CEMS/EHESS/França.

CAMILO NEGRI é doutor em Ciências Sociais, professor do Departamento de Gestão de Políticas Públicas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas da Universidade de Brasília. Co-coordenador do programa do Colégio Latino-Americano de Estudos Mundiais da FLACSO/Brasil e do Grupo de Pesquisa Ideologias Políticas Comparadas. Pesquisa principalmente os seguintes temas: ideologia, esquerdas e democracia na América Latina e metodologia comparativa.